

A IDENTIDADE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA NOVA IDENTIDADE

IDENTITY IN THE PROCESS OF CONSTRUCTION OF THE NEW IDENTITY

Suelda de Albuquerque Ferreira⁵⁴

RESUMO

Este artigo tem como objectivo compreender a noção de identidade, no contexto do processo de (re) construção dos elementos identitários, enquanto factores de descoberta do novo lugar e da nova identidade. Este fato conduz a uma tensão associada a um estranhamento que incide simultaneamente sobre o indivíduo e sobre o outro, proporcionando a sua compreensão e criando referências identificadas que contribuem para o desenvolvimento da identidade social. O presente estudo traz uma das discussões contida na investigação que foi realizada pela investigadora como mestranda da Faculdade de Letras – Departamento de Geografia da Universidade de Lisboa.

Palavras-chaves: Identidade, Identificação, Lugar, Simbólico, Imigração, Estranhamento.

⁵⁴ Psicóloga Social, Mestre em Geografia pela Universidade de Lisboa Faculdade de Letras - Departamento de Geografia, Bolsista da Fundação para Ciência e a Tecnologia (BI - MESTRE), kikaalbuquerqueferreira@hotmail.com

ABSTRACT

This article has as objective to understand the identity notion, in the context of the process of construction of the identification elements, as factors of discovery of the new place and the new identity. This fact leads to a tension associated with a strangeness that happens simultaneously on individual and the other providing their understanding and being created identified references that contribute for the development of the social identity. The present study brings one of the quarrels contained in the research that was carried through by the investigator as schoolmistress student of the College of Letters - Department of Geography of the University of Lisbon.

Keywords: *Identity, Identification, Place, Symbolic, Immigration, Strangeness*

1 RAÍZES IDENTITÁRIAS COMO FACTOR DE DESCOBERTA DO NOVO LUGAR

A interpretação do papel dos factores identitários no processo de identificação com o novo lugar pode ser efectuada a partir da “noção de sujeito sociológico” que, segundo Hall (2001), corresponde a:

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção clássica da questão, a identidade é formada da interacção entre o eu e a sociedade (...). A identidade preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O facto de que projectamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nos, contribui para alinhar nossos sentimentos subjectivos com os lugares objectivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2001, p. 11-12).

Esta noção de sujeito sociológico surge quando a identidade individual interage com outros “eus” (identidade de outros sujeitos), ocorrendo assim uma mudança da individualização para a interacção. É acção recíproca entre o indivíduo e a sociedade que resulta a noção do sujeito sociológico. É a identidade que dá condição para sustentar e situar o sujeito. Cria múltiplos processos divisórios, que se traduzem na existência de uma identidade múltipla (geográfica, de género, de idade, de classe...).

A visão antropológica da identidade abrange também a relação entre indivíduo e sociedade. Nessa mesma perspectiva, Berger & Luckman (1983) explicam que é através da relação entre o indivíduo e a sociedade que a identidade social é reconhecida como fenómeno, constituindo-se como “um elemento chave da realidade subjectiva, e tal como toda realidade subjectiva, acha-se em relação dialéctica com a sociedade” (BERGER & LUCKMAN, 1983, p. 24). A identidade, depende da relação do indivíduo com a estrutura social, de maneira que toda a interpretação sobre a identidade se encontra “localizada em um mundo social”. É este pressuposto que torna possível actuar com o conceito de

identidade colectiva sem criar uma divisão entre o indivíduo e o contexto social no qual está inserido.

A identidade não é algo inata ao indivíduo, sendo socialmente construída. Conceituamos a identidade como uma forma social, produzida no âmbito da relação indivíduo – colectividade, que acaba por dar origem às várias dimensões de “outro” e ao hetero – reconhecimento que, como referimos, dá condições para as mais variadas formas e possibilidades de identidade. O termo identidade pode, então, ser usado para comunicar, de alguma maneira, uma singularidade criada na relação com outros homens. Segundo Brandão (1990, p. 37), a identidade não é construída de uma forma singular, de maneira exclusiva, vai sendo progressivamente produzida.

Os termos identidade e social conduzem, de maneira recíproca, a um conceito que “explique por exemplo o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu [...]” (BRANDÃO, 1990, p. 37), dando preferência, por um lado, ao indivíduo, e por outro lado, à colectividade, resultando numa configuração na qual se obtêm tanto a pessoa inserida na sociedade, como também a dinâmica das relações sociais.

O entendimento que o indivíduo tem dele próprio como uma identidade unificada é o resultado de uma construção pensada e discursiva que o constrói como ele é. O conceito de identidade é compreendido, de forma unificada, como uma “narrativa do eu”, porque a identidade é construída por cada um dos indivíduos, frequentemente de forma tensa, já que cada pessoa possui uma identidade múltipla, que tem de manejar, combinar e modificar quotidianamente. De qualquer forma, a concepção de uma identidade completa, estável e única, é pura imaginação.

A construção da identidade é um processo que vai buscar significado às relações vividas no dia-a-dia, onde o “outro” também faz parte do processo construtivo. Portanto, o processo de construção da identidade condiciona o comportamento do indivíduo em determinadas situações, intimamente relacionadas com a cultura e a sociedade em que esse indivíduo está inserido. Ao mesmo tempo, o indivíduo possui a sua própria identidade, o que lhe permite, diferenciar-se ou identificar-se com o “outro”, numa acção contínua de aceitação e rejeição. Esse processo significa reconhecer-se a si próprio e também ser reconhecido. A identidade individual ou colectiva, é, ao mesmo

tempo, uma identidade cheia de subjectividade, que recorre a diversos símbolos para se expressar.

Na afirmação de Anderson (1983,1989, p. 183), a identidade, concreta, é moldada pela constituição simbólica, podendo aparecer como “comunidade imaginada”. Para Lévi-Strauss (1981), a identidade é mesmo vista com elevada significação simbólica. Como afirma Bourdieu (1996, p. 7- 8), a forma como a identidade social é mobilizada e mobiliza o poder simbólico traduz-se num “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Desta forma, um símbolo tem papel importante na construção da autenticidade à medida que passa a ser conhecido e reconhecido como autêntico por aqueles que lhe estão sujeitos ou que os constroem. O poder simbólico contribui para organizar o mundo social dos sujeitos, ajudando a tornar lógica a construção da realidade.

Castells define identidade como sendo a “fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p. 22). O significado é o eixo em torno do qual os actores sociais estruturam a sua identidade de modo a que ela seja capaz de se auto-sustentar no tempo e no espaço. E o modo de uso do espaço liga-se ao quotidiano dando-lhe sentido, unindo-se à memória e agindo, expressivamente, na construção da identidade organizando, de modo inflexível quotidiano – lugar – identidade.

E se é no lugar que as relações são concretizadas, em tempos diferenciados, o uso ganha uma significação especial, porque o indivíduo vai se identificando com o lugar nas suas formas de uso, e desta maneira produz-se uma identidade entre indivíduo e lugar através das relações sociais que são estabelecidas no quotidiano. Nos casos de lugares, sem sentido, marcados pela ausência memória emerge um “espaço amnésico”, que dá à origem à não identificação dos indivíduos com esse lugar (AUGÉ, 1994).

É dando sentido ao lugar, bem como à ligação do indivíduo a este, que se reforçam as identidades e se produzem as comunidades. O lugar favorece um conjunto de referências e símbolos aos que lá vivem e que são percebidos pelos seus utilizadores e visitantes, influenciando comportamentos e criando sentido. Quando há uma proximidade nas formas do tipo de vida das pessoas e, por conseguinte, o aparecimento de padrões de uso, ocorre uma familiaridade com o lugar, que emerge como contexto de partilha sendo-lhe atribuído um significado positivo. Nestes casos, o sujeito nas suas

vivências evoca memórias, sentimentos e experiências do individual, do colectivo, ou de uma cultura, que de alguma maneira, ligam o indivíduo à experiência vivenciada no seu dia – a – dia. Desta forma, esta familiaridade leva o lugar a adquirir um significado para as vidas dos utilizadores no quotidiano.

2 NOVA IDENTIDADE, MOBILIDADE GEOGRÁFICA E ESTRANHAMENTO SOBRE SI MESMO E O MUNDO

As identidades culturais permitem a cada indivíduo reunir-se com sentimento (emocional e afectivamente) a um grupo ou cultura, ao mesmo tempo que estabelece laços de pertença com esse grupo ou cultura. Tendo em consideração o actual quadro de mobilidades virtuais e reais, as identidades sofrem fortes pressões e alteram-se, em virtude de os seus espaços e tempos de referência estarem em constante mutação. Efectivamente, as identidades culturais, que envolvem múltiplos factores, são redefinidas no âmbito da relação entre o global e o local, aparecendo novas identidades globais e locais ou, que combinam, em simultâneo os dois níveis. A globalização contribui para a fragmentação das identidades, desarticulando-as e descentralizando-as de modo a que estas percam seu núcleo “cultural” original. As identidades modernas estão em crise, lutando os sujeitos pela própria estabilidade e estruturação da nova identidade, como também pela identificação com o grupo e com o espaço em que habitam.

Para o migrante que sai da sua terra, a indecisão de permanecer ou partir gera um sentimento de dúvida, num mundo marcado por extrema mobilidade espacial⁵⁵ num contexto de globalização. A mobilidade pode ser real ou simulada (VIRILO, 1980) cria efeitos contrários: os lugares tornam-se tanto próximos como distantes.

⁵⁵ Jean Remy (1988) considera-a mesmo um factor estruturante do espaço contemporâneo. Nesse sentido, propõe a noção de “espaço de rede” para dar conta das transformações produzidas pela mobilidade.

A questão da identidade vai além do lugar de fixação, pois integra também interações com os outros lugares (lugares exteriores). Como é citado no poema de Carlos Drumond de Andrade:

Quando vim da minha terra,
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
Se é que vim da minha terra
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

(...) Quando vim da minha terra
não vim, perdi-me no espaço
na ilusão de ter saído .
Ai de mim, nunca sai.

(A ilusão do migrante, Carlos Drumond de Andrade).

O poema de Carlos Drumond mostra a ambiguidade da identidade dos indivíduos e grupos sociais em relação ao território, pois o migrante não tem a certeza se um dia saiu da “sua terra”, referindo “não estou morto por lá”. O sentimento que é transportado pelo migrante do “levar a terra com ele” ou “ permanecer na terra de origem”. O sentimento de pertença a um lugar é reforçado pela referência a outros lugares. Neste quadro, o lugar é considerado como uma construção simbólica.

Como defende Hall (2001), em épocas de globalização, não existe mais um único foco de identidade, ou seja, uma “identidade mestra”, que legitima e estabelece a ordem social, capaz de fixar vários interesses dos sujeitos. Neste contexto, criam-se assim novas identificações, que se tornam plurais, menos fixas e centralizadas.

Hall utiliza também os conceitos de Robbins de “tradição” e “tradução”, para caracterizar as “identidades modernas” que estão em crise. A noção de “tradição” fala das construções de identidade que procuram recuperar sua história, uniformidade, mantendo suas raízes, opondo-se às mudanças. Por outro lado, o conceito de “tradução”⁵⁶ refere-se às reconstruções de identidade que conservam suas tradições e seus vínculos no meio de novas culturas e histórias que transitam e têm contacto quotidiano. Assim, o conceito de tradução:

(...) descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais compostas por pessoas que foram dispersadas (migrantes) para sempre de sua terra natal. (...) Elas retêm fortes vínculos com seu lugar de origem e tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente por elas e sem perder completamente a sua identidade. (...) Devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas (LATOURET, 1996, p. 95).

A noção de “pessoas traduzidas” vai pertencer ao que Hall nomeia de “culturas híbridas”. O sujeito que assume a “identidade híbrida” tem a sua origem no encontro de culturas diversificadas, transpondo os espaços entre estas e construindo múltiplas identificações, contrariando uma suposta ordem natural das coisas.

⁵⁶ Segundo Rushdie, S. (1991: 68), a palavra “tradução” vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”; “transformar entre fronteiras”. Escritores migrantes, como ele, que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, “tendo sido transportados através do mundo..., são homens traduzidos”.

Um dos elementos integrantes da relação dos grupos sociais com o processo de construção das identidades corresponde à definição de um território e de “fronteiras territoriais” que remetem, frequentemente, para a relação harmónica com as suas raízes. Negociam-se assim valores presentes e valores ausentes na estrutura das identidades. “A identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários. Essa referenciação vai desembocar no que os freudianos chamam de processo de identificação” (GUATTARI, 1999, p. 68).

Nesse sentido, os indivíduos conferem uma particularidade ao seu território e reconhecem uma identidade à sua colectividade, estabelecendo assim um sentimento de pertença a um grupo e um sentimento de pertença a uma colectividade territorial.

Segundo o pensamento de Clarice Lispector (1999), a pertença assenta na relação que os sujeitos mantêm uns com os outros e com os lugares enquanto partes que integram espaços mais amplos (aqueles que nos dão o sentido de pertencer e concretizam e fornecem raízes à nossa identidade (TUAN, 1983). O sentimento de pertença a esse espaço específico (o lugar) é, desta maneira, fortalecido pela referência⁵⁷ a outros espaços, permitindo a um grupo construir o seu território, apropriar-se dele e associar-lhe referências.

O tempo e o espaço são indissociáveis, pois ambos acabam por influenciar directamente as relações sociais, culturais e os próprios hábitos, modificando o dia-a-dia dos indivíduos. E ao reafirmar que “o espaço e tempo são indissociáveis, e a memória revela essa indissociabilidade... a busca do tempo é a busca dos lugares da vida” (CARLOS, 1994, p. 218).

⁵⁷ A noção de espaço de referência está associada à noção de espaço de pertença e ambas foram desenvolvidas pela equipa do CRaal: “Um sujeito presente num lugar tem tendência a fazer dele um espaço de pertença, um espaço que resulta do conjunto dos recortes do território que especificam a posição de um actor social pela inscrição do seu grupo de pertencer num lugar. (...) O aqui é especificado pelo recurso a espaços de referência, espaços que classificam de forma positiva e negativa, que valorizam e desvalorizam o espaço de pertença, o aqui com o qual nos identificamos a partir do conhecimento que dele temos; o espaço de referência estabelece a relação entre o aqui e o além” (PELLEGRINO, 1983a, p. 18)

O contacto com o desconhecido leva ao questionamento de si e do mundo a partir do fenómeno de estranhamento, porque a distância proporciona ao sujeito imigrante uma melhor avaliação de factores que eram impossíveis no contexto de grupo a que pertencia, proporcionando-lhe uma análise mais significativa. São as novas relações entre as experiências dos grupos sociais no espaço urbano que ocupam, que levam à experiência de estranheza e do estranhamento. O estranhamento causado pelas transformações do uso do espaço e de uma nova organização do tempo na vida quotidiana, colocando o individuo face a situações transformadoras imprevistas.

Para Tuan (1983), o lugar torna as experiências e desejos de cada indivíduo como um meio possível de realização, uma forma de atribuir sentido a uma realidade, que lhe foi atribuído um significado.

A vivência frente ao espaço estranho pode ser compreendida como aquilo que leva à desarticulação do sujeito. Com experiências não familiares, sem significado, o migrante perde as suas referências e o seu potencial para dar novos significados e também para organizar o seu espaço.

As relações e as referências da vida ficam perdidas o estranhamento causa alterações nas formas de uso do espaço e, também, na organização do tempo e do quotidiano, pois coloca o indivíduo perante sistemáticas situações novas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do explicado, tentamos identificar o modo como se (re) constrói a identidade do sujeito migrante, este desdobra-se ou duplica-se (entre a origem e o destino), ocorrendo um processo de identificação com novos símbolos no destino, com evidentes consequências ao nível da reconstrução simbólica, que acabam por se reflectir na própria identidade, que se afasta das referências simbólicas originais (em perda) e procura encontrar novas referências com as quais a identificação não é fácil e imediata, o que gera uma sensação de estranheza/estranhamento.

Constatamos, com a pesquisa, que a produção das identidades sociais envolve a ligação de dois processos: o processo pelo qual os actores sociais assimilam em conjuntos mais amplos, de pertença ou de referência, com ele se organizando de modo direccional (processo de identificação); e o processo através do qual os agentes tendem a tornar-se independentes e a diferenciar-se socialmente, fixando em relação a outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identização)⁵⁸. O imigrante busca raízes identitárias (processo identificatório) no “outro lugar”, interpretando-as a partir das referências identitárias que trás do local de origem. As identidades são construídas e reconstruídas, pressionando o sujeito no “espaço estranho” – “outro lugar”, gerando estranheza em relação ao meio e o sentimento de estranhamento em relação a si mesmo.

Também verificamos que determinadas identidades ou o aprimoramento de uma identidade, expressam-se em função das condições espaço – temporais em que o grupo está inserido. A (s) identidade (s) implica (m) procurar obter reconhecimento, que se faz frente à alteridade, pois é no encontro e no embate com o Outro que se busca afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos diferencia e que, por isso mesmo, pode, em simultâneo, promover tanto o diálogo quanto o conflito com o Outro.

⁵⁸ As expressões foram retiradas de Pierre Tap (1996: 12).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**, São Paulo, Ática, 1983.
- AUGÉ, M. **Non- Lieux**. Paris, Seuil, 1994.
- BERGER, P. & L. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1983.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa. Rio de Janeiro, Difel, Bertrand, 1996.
- BRANDÃO, C. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- CARLOS, A. F. **Espaço-Tempo na Metrópole - A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo, Contexto, 1994.
- GUATTARI, F. & R. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.
- LATOUR, Bruno. **Nunca fomos modernos**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.
- LÉVI - STRAUSS, C. **La identité: seminário interdisciplinar dirigido por Claude Lévi-Strauss - 1974- 1975**. Barcelona, Edicione Petrel, 1981.
- LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- PELLEGRINO, P. **Identité régionale et représentations collectives de l'espace**, Genebra, Craal- FNSRS, 1983.
- REMY, J. **O espaço e a sociologia**. In: *Jornal de Letras*, 15 de Agosto, 1988.
- RUSHDIE, S. **Imaginary hornelands**. London, Granta Books, 1991.
- TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Rio de Janeiro, Difel. 1983.
- VIRILIO, P. **Esthétique de la disparation**. Paris, Balland, 1980.
- TAP, PIERRE. *Introduction*. In: _____, **Identités collectives et changements sociaux**. Toulouse, Privati, 1996.
- TAYLOR, C. **Multiculturalism.**, Paris, Aubier, 1994.